



## A “sociedade da informação” em debate na América Latina

MARQUES DE MELO, José; TARSITANO, Paulo Rogério; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano (orgs.). *Sociedade do conhecimento: aportes latino-americanos*. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Metodista, 2005.

A Cátedra Unesco para o Desenvolvimento Regional, na Universidade Metodista de São Paulo, há alguns anos, vem ocupando um espaço de pesquisa que deveria ser originalmente do Centro Internacional de Estudos Superiores de Comunicação para a América Latina (Ciespal). Seus eventos e publicações têm conquistado a cada ano mais e mais respeito junto à comunidade acadêmica, e, aos poucos, os olhares dos pesquisadores da região que eram mais voltados para referenciais franceses, ingleses ou norte-americanos se direcionam para abordagens latino-americanas sobre as problemáticas da Comunicação.

Um bom exemplo disso é a possibilidade oferecida pela Cátedra Unesco/Metodista ao realizar colóquios internacionais em torno de temas específicos, os Celacoms. Este livro é o resultado do oitavo evento, que nos anos anteriores já debateu as trajetórias intelectuais de Luis Ramiro Beltrán e de Jesús Martín-Barbero; a gênese do pensamento comunicacional latino-americano; as contribuições brasileiras a este pensamento; as matrizes do marxismo e do cristianismo nos estudos em Comunicação na região; o protagonismo feminino; a pesquisa-denúncia e o pragmatismo utópico. Após todas essas necessárias fundamentações, a temática desta vez está mais ligada a um debate atual: a dita “sociedade da informação”.

O livro originado do evento realizado no final de abril de

2004 traz prefácio, prólogo, apresentação e introdução dos quatro organizadores: José Marques de Melo, diretor titular da Cátedra Unesco; Luciano Sathler, vice-presidente para a América Latina da World Association for Christian Communication (WACC); Cristina Gobbi, diretora da Cátedra Unesco; e Paulo Rogério Tarsitano, diretor da Faculdade de Publicidade e Propaganda da Metodista. Os textos dos colaboradores são divididos em três capítulos: I) Sociedade da informação: a democratização do conhecimento, II) Conflitos e coexistência nas redes midiáticas: do conhecimento erudito ao conhecimento popular, e III) Direito de propriedade intelectual: repercussões nas indústrias de conteúdo.

A primeira parte – Sociedade da informação: a democratização do conhecimento – expõe as reflexões dos chilenos Lúcia Castellón e Oscar Jaramillo no texto “Los desafios de la educación superior en la Sociedad de la Información”. Eles constataam que diante do novo perfil dos estudantes há a necessidade de uma adequação metodológica para evitar a proliferação dos “alunos copy paste”, uma nova geração que acredita que simplesmente baixando informações chegarão ao conhecimento. O segundo texto é do boliviano Erick Torrico, e tem como título “Las TICs en Bolívia: una prioridad sin reconocimiento cabal”, onde descreve a evolução do uso de tecnologias como telefone celular, TV por assinatura, Internet e jornais on line no país, e como, apesar de todos os problemas políticos por que passa, o governo criou a Agencia para el Desarrollo de la Sociedad de la Información en Bolívia (ADSIB).

O capítulo continua com o texto “Todos somos mestizos”, da pesquisadora argentina Cristina Baccin, onde ressalta que a América Latina poderia se valer de sua mestiçagem cultural para enfrentar a possibilidade de homogeneização vinda com as tecnologias globalizantes; sua sugestão é a de latinizar os sistemas, criar políticas públicas e envolver mais a academia nesse debate. Na seqüência, há o texto da brasileira Cicília Peruzzo: “Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania”. Ela faz uma análise de como a comunicação comunitária deve ser tratada como um direito do cidadão, apontando saídas para uma maior participação de comitês locais como motivadores,

aglutinadores e facilitadores das atividades de comunicação.

A primeira parte do livro termina com o texto “Estratégias de inclusão digital e táticas cotidianas: o caso Acesa São Paulo”, do pesquisador brasileiro Fabio Josgrilberg, que fala do cotidiano do uso do computador em infocentros localizados em regiões pobres da capital paulista.

Já o segundo capítulo – Conflitos e coexistência nas redes midiáticas: do conhecimento erudito ao conhecimento popular – começa com um artigo do paraguaio Aníbal Pozzo: “Independencia y objetividad en el periodismo paraguayo: pistas para su estudio”, no qual relata a evolução do jornalismo em seu país desde 1813 e seu eterno conflito pela independência e pela objetividade. Já a brasileira Desirée Cipriano Rabelo alerta, em seu texto “As novas redes e as antigas questões não resolvidas”, que o determinismo tecnológico pode levar as lógicas sociais por caminhos arriscados, já que não está havendo o devido cuidado em seus estudos e aplicações.

O terceiro texto é de responsabilidade do uruguaio Gabriel Kaplún, “El ateneo electrónico”, onde critica o uso do e-learning como solução para problemas da educação, que estão mais ligados a questões pedagógicas do que tecnológicas. O capítulo continua com um texto do brasileiro Jorge Tapia, “Cidadania e governo eletrônico: algumas reflexões”, onde analisa a proliferação do uso do espaço virtual para a divulgação de ações de governos sem que o devido cuidado tenha sido tomado para que tal iniciativa se torne efetivamente uma democracia digital. O último artigo do segundo capítulo é de outro pesquisador do Uruguai, Eduardo Rebollo, com o título: “Información y conocimiento en la sociedad de la información”. Ele também alerta para a distinção entre informação e conhecimento, lembrando que não são os softwares “inteligentes” que vão selecionar o que interessa ao usuário da Internet, mas seu próprio desenvolvimento cognitivo.

O terceiro capítulo – Direito de propriedade intelectual: repercussões nas indústrias de conteúdo – traz uma visão mais pragmática do tema tratado no livro. No primeiro texto, o americano radicado na Guatemala, Dennis A. Smith, lança a pergun-

ta: “¿Un código de conducta para el comercio de la propiedad intelectual?”. Ele inicia reconfigurando o conceito de sociedade da informação e/ou do conhecimento para o de sociedade do consumo, e relata uma experiência do envolvimento da sociedade civil no controle das atividades dos grandes oligopólios transnacionais como possível modelo a ser seguido.

Os demais textos da última parte do livro são de profissionais e pesquisadores brasileiros, sendo o primeiro do jornalista e professor Wilson Bueno: “A armadilha do copyright e a ‘república dos doutores’”, que destaca o fato de o copyright atender apenas à indústria – e não ao criador –, e sugere uma adesão ao copyleft, principalmente no meio acadêmico. O segundo é da jornalista e advogada Daniela Cristovão, com o título “A proteção da propriedade intelectual: uma abordagem internacional”, onde faz um panorama histórico do tema, chegando aos debates da Organização Mundial do Comércio (OMC). O texto seguinte é de co-autoria de Paulo Rogério Tarsitano e Simone Navacinsk: “Marca: patrimônio das empresas e diferencial dos produtos”, onde mostram que há pesquisas alegando que os valores de certas marcas ultrapassaram os valores de capital das empresas. O último texto, “Aspectos econômicos da propriedade intelectual”, ficou sob a responsabilidade do economista e professor André Sathler Guimarães, que trata do valor imaterial como sendo tão ou mais importante do que o valor material de alguns produtos, principalmente em uma realidade onde a informação e o conhecimento são bens sem parâmetros de valoração.

Este livro não é para ser tratado como mais uma coletânea de textos apresentados em um evento científico, como se fossem anais à espera de um ou outro pesquisador nas empoeiradas prateleiras das bibliotecas. Ele tem a harmonia de um volume editado com o objetivo de movimentar o debate em torno da dita “sociedade da informação” ou “sociedade do conhecimento” do ponto de vista latino-americano.

Enquanto a importância dos debates na Unesco, na OMC, em Genebra, em Tunis não fizeram parte da pauta cotidiana da sociedade, cabe a instâncias como a Cátedra Unesco e a WACC abrirem espaços para o tema. Que este livro seja um ponto de

partida para outros aprofundamentos que vêm sendo feitos no âmbito da sociedade civil organizada.

*Edgard Rebouças*

Jornalista e doutor de Comunicação Social, é pesquisador visitante Prodoc/Capes no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).